

O DOM DA CONVERSA

LYNN ROGERS PETRAK

Embora me dissesse para não falar com estranhos, minha mãe sempre falava com todo mundo. Na fila do supermercado. Nas lojas. Numa rápida viagem de elevador, em aeroportos, jogos de futebol e na praia.

Ainda bem que eu só segui o seu conselho em relação a estranhos ameaçadores. Acho que eu sou uma pessoa melhor por causa disso.

a costume de minha mãe de começar a bater papo com qualquer pessoa que estivesse por perto hoje me faz sorrir, mas quando eu era adolescente muitas vezes quase me matou de vergonha.

"Lynn também está ganhando o seu primeiro sutiã hoje", ela confidenciou a uma mulher que também acompanhava a filha adolescente na seção de sutiãs na loja de departamentos da nossa cidade. Eu quis me esconder atrás de um roupão de banho atalhado, mas apenas fiquei vermelha e resmunguei "Mamaaaaaãe...", dentes cerrados. Só me senti um pouco melhor quando a mãe da garota retrucou: "Estamos tentando achar um para Sarah, mas são todos muito grandes." Nem todo mundo respondia quando mamãe fazia uma observação e tentava iniciar uma conversa. Algumas pessoas lhe davam um meio sorriso e seguiam em frente. Outras simplesmente a ignoravam. Nessas ocasiões eu percebia que mamãe ficava um pouco magoada, mas ela dava de ombros e continuávamos nosso caminho.

Na maioria das vezes, entretanto, eu saía de perto um pouquinho e, quando voltava, lá estava ela de conversa-fiada.

Houve ocasiões em que me preocupei, achando tê-la perdido na multidão, mas então eu ouvia sua risada sonora e um comentário do tipo: "Sim, sim, eu também." Nesses papos espontâneos, minha mãe me ensinou como é importante ter tempo para se interessar pelos outros. Ela me ensinou que nós, mulheres, temos todas uma espécie de afinidade, mesmo que não sejamos nem um pouco parecidas. Na maioria das situações do dia-a-dia e dos sentimentos que eles provocam há como fios invisíveis que nos unem.

Uma das últimas lembranças que tenho de minha mãe é dela no hospital, a poucas horas de morrer do câncer que a fizera emagrecer trinta e oito quilos, sorrindo fracamente e conversando com a enfermeira sobre a melhor maneira de plantar roseiras. Fiquei olhando da porta, quieta, com vontade de chorar, mas com um grande sentimento de amor e carinho. Ela me ensinou a ver as outras pessoas com alegria e respeito. A tirá-las do anonimato. Nunca vou me esquecer disso, especialmente quando me viro para alguém e digo: "Você não acha ótimo quando..."